

ENTREVISTA COM YIGAL SCHWARTZ

Luis S. Krausz*

Yigal Schwartz, professor de Literatura Hebraica e Judaica na Universidade Ben Gurion de Beer Sheva, é hoje um dos mais respeitados críticos literários de Israel. Pesquisador que se preocupa com os grandes temas de seu país – e com o tratamento que estes recebem na literatura –, recentemente publicou o livro *Amor, Ideologia e a Terra de Israel*, ainda não traduzido do hebraico. Dois de seus livros anteriores abordam a obra do octogenário Aharon Appelfeld, escritor ainda pouco conhecido no Brasil, a quem Schwartz vê como o tradutor do legado judaico europeu. Este legado, segundo ele, passou a ocupar um lugar central na reflexão histórico-filosófica israelense, em decorrência do declínio na ideologia do sionismo e do trabalhismo.

Schwartz até recentemente chefiou também a cadeira de Literatura Hebraica na Universidade Hebraica de Jerusalém e é discípulo de Gershon Shaked (1929-2006), arcano da Crítica e da História da Literatura em Israel, e íntimo de todos os grandes escritores israelenses do século XX.

Rapidamente de passagem por São Paulo para apresentar um trabalho num congresso realizado pela Universidade Bar Ian em conjunto com a Universidade de São Paulo, ele fala, nesta entrevista exclusiva, sobre as tendências culturais e literárias em seu país e sobre o papel fundamental das ideologias numa sociedade em que a literatura raramente é vista como independente das questões urgentes do cotidiano – como as ameaças de guerras e destruição, mas também a memória coletiva e a religiosidade.

* Professor doutor de Literatura Hebraica e Judaica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP; autor de *Rituais Crepusculares: Joseph Roth e a Nostalgia Austro-Judaica* (Edusp, 2008); *Desterro: Memórias em Ruínas* (Tordesilhas, 2011) e *As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica* (Edusp, 2006). <lkrausz@uol.com.br>

Luis S. Krausz – Há pelo menos uma década surgiram, na literatura israelense, autores que tentaram desvincular suas narrativas da meta-história do sionismo. E, no entanto, esta meta-história permanece implícita em suas obras, como no caso de Orly Castel-Bloom. Em que medida os discursos ideológicos impregnam a sociedade israelense, de maneira a se tornarem inevitáveis em sua literatura?

Yigal Schwartz – Preciso dizer, e não gosto de ter que dizer isto, que, na literatura israelense, exige-se de um escritor que se conecte a esta metanarrativa. A. B. Yehoshua costuma dizer que Etgar Kéret e Orly Castel-Bloom, os nomes que estão despontando no cenário literário de Israel, são escritores do pós-sionismo. Mas Orly Castel-Blom tem um personagem, por exemplo, que era seguidor das ideias de A. D. Gordon (ideólogo do sionismo), e este herói, na narrativa de Castel-Bloom, injeta clorofila em suas próprias veias porque ele entende que é isto que Gordon espera. Ou tem outra personagem, uma mãe que tatua o mapa de Israel nas costas de seu filho pequeno, para que, quando ele cresça, o país cresça também... São dois exemplos singelos, mas que mostram como é impossível desconectar-se desta metanarrativa sionista. Embora Castel-Bloom se relacione com a ideologia por meio do sarcasmo, a metanarrativa continua presente em sua literatura.

No momento, estou trabalhando em um artigo em que trato de duas opções possíveis na literatura hebraica *Aschkenazi* (de origem europeia), de dois caminhos que os escritores podem escolher. De um lado está uma tendência russa, que começa com H. Y. Brenner, I. L. Gordon e vai até Amós Oz e David Grossman. Trata-se de uma vertente profundamente engajada, profundamente retórica, chamo-a de “a prosa da boca e do ouvido”, e estes são os chefões da literatura israelense, que vêm veem a si mesmos como os continuadores dos sábios e dos rabinos. Se você ler o primeiro capítulo de *Ver: Amor*, de David Grossman, você verá que o personagem principal poderia ter sido tirado de um romance de Mordechai Feierberg, pioneiro do realismo psicológico na literatura hebraica: é o mesmo menino com uma grande cabeça e um corpo franzino, que se propõe a resolver os problemas de todos os judeus do mundo. Chamo isto de “complexo de Atlas”.

E, de outro lado, está a tendência austro-húngara, ou habsburga, inaugurada por nomes como Gershon Schoffman e David Vogel, escritores que apenas se propuseram a retratar a realidade – retratar as pessoas, retratar emoções,

retratar a psicologia –, e que não se propõem a tratar de questões ideológicas. Mas estes autores sempre foram *outsiders* do *establishment* literário israelense. Eu escrevi dois livros a respeito de Aharon Appelfeld, um escritor em nada inferior a Amós Oz, mas que trata de um universo que pouco ou nada tem a ver com o sionismo. Yehoshua Kenaz tampouco é um escritor inferior a Amós Oz, mas, quem conhece Yehoshua Kenaz em Israel, e sobretudo fora de Israel? Ninguém. Por que? Ele não trata do sionismo e de suas questões. A sorte de Kenaz foi ter escrito um romance intitulado *Infiltração*, de 1986, que se desenrola no exército. Ao fazê-lo, ele afastou-se da estrada secundária da literatura israelense e ingressou na estrada principal. Mas, até agora, os escritores que não lidam com as grandes questões ideológicas ficaram mais ou menos excluídos. Se Proust vivesse em Israel, ele jamais alcançaria a importância e o reconhecimento que teve na França.

LK – A história da moderna língua hebraica e do moderno Estado de Israel são, em grande parte, decorrência do surgimento de uma literatura moderna em língua hebraica na Europa do século XIX. Neste sentido, trata-se de histórias que são, de certa maneira, o inverso das histórias dos demais países, onde a literatura é que surge a partir da língua e da história de um país. A literatura tem ainda este papel de formadora da realidade em Israel?

YS – Esta é uma boa pergunta... Gershom Scholem tratou, ao refletir sobre a língua hebraica, da questão de uma língua sagrada que se torna profana, e disse que esta língua haveria de vingar-se das pessoas que a tornaram profana. Se pensarmos em colonos que se estabeleceram nos Estados Unidos, na África do Sul, veremos que eles chegaram a um novo lugar e encontraram, de modo geral, quase uma tábula rasa. E eles retrataram esta nova realidade por meio de um vocabulário novo. Mas os prosadores israelenses, quando chegaram à terra de Israel, enfrentaram um grande problema: encontraram um território linguístico que já estava ocupado – ocupado não só por palestinos, mas também por palavras. Há milênios que os judeus escrevem e escrevem sobre Israel. Não é possível olhar para Israel, por assim dizer, a olho nu. Há centenas, milhares de textos entre o olho do escritor de língua hebraica e a realidade de Israel. E o que a ficção israelense tenta fazer é livrar-se dos diferentes graus destes textos.

Em Brenner, por exemplo, percebe-se este esforço por livrar-se de toda a carga do Talmude, da Bíblia, que está vinculada a cada palavra.

Esta questão foi abordada de uma outra maneira, muito interessante, pelo crítico de literatura Baruch Kurzweill. Kurzweill disse que não há futuro para a literatura em língua hebraica se forem cortadas as ligações do hebraico moderno com suas raízes na tradição. E, na verdade, nos últimos anos, tem-se verificado algo muito surpreendente: o surgimento de uma nova literatura hebraica, muito vigorosa, que provém de um triângulo formado por religiosos, judeus provenientes do Oriente (Iêmen, Iraque) e pela periferia do *establishment* cultural. E estes autores lidam com a tradição dos livros de rezas, da Bíblia. Autores como Shimon Adaf e Haviva Pedaya criam uma literatura muito substancial, e tratam do problema que Gerschom Scholem mencionou: como lidar com uma língua que se tornou secular, e como torná-la outra vez religiosa.

LK – Há hoje na literatura israelense uma valorização cada vez maior do legado da diáspora judaica – com o qual a ideologia sionista propunha uma ruptura total. Onde começa esta tendência? E a que se pode atribuí-la?

YS – Por volta de 1986, os resultados da Guerra do Yom Kipur, de 1973, já estavam assimilados pela psique coletiva israelense. Ocorreu, a partir daí, uma ressignificação dos mitos fundamentais do Estado Judeu, ligados à ideia do sionismo como autorredenção. Me parece que existem dois modelos básicos, duas formas fundamentais de pensamento judaico. De um lado, há um modelo vertical, voltado para o progresso, em que há nascimento, crescimento e um desenvolvimento que conduz até o Messias. E, de outro lado, há um modelo circular, semelhante aos modelos de sociedades tradicionais discutidas por Mircea Eliade, segundo o qual, em cada geração, os acontecimentos se repetem de maneira mais ou menos semelhante. Para este modelo, o tirano Haman, da antiga Pérsia, corresponde a Hitler que, por sua vez, talvez corresponda a Ahmadinejad – uma forma de pensar circular, que corresponde à do livro bíblico de Eclesiastes.

Hoje, todos parecem pensar que a história, em lugar de caminhar de forma otimista para uma solução, move-se em círculos, o que leva a pensar em nosso tempo como um tempo de declínio. Hoje, em seminários em grandes univer-

sidades, as pessoas se perguntam sobre o porquê do declínio da tradição hebraica. Me parece que, em Israel, até o fim dos anos 1980, a narrativa sionista, com seu modelo progressista e otimista em relação ao futuro, predominou. A partir de então, adotou-se, talvez inconscientemente, este modelo circular, esta visão mais pessimista da história. E acho que o livro que dá voz a esta mudança pela primeira vez é o romance *Ver: Amor*, de David Grossman. Curiosamente, até o fim dos anos 1980, os jovens, em Israel, faziam viagens didáticas a lugares como Massada (uma cidadela onde heróis judeus resistiram aos exércitos romanos, no início da Era Cristã). E a partir daí passaram a fazer viagens a Auschwitz. Hoje em dia, quase todos os jovens israelenses fazem uma viagem a Auschwitz antes de ingressarem no exército. Isto significa a incorporação de uma forma de pensamento típica da diáspora e, ao mesmo tempo, uma desilusão com os modelos ideológicos propostos pelo sionismo. Parece haver um abandono da ideia de que o povo judeu, hoje, ocupa uma situação nova na história, por possuir seu próprio território e sua própria língua, e em lugar dela ressurgem a antiga ideia da errância, da ameaça de extermínio. Sintomaticamente, um grande número de israelenses descendentes de imigrantes europeus está requerendo a cidadania nos países de seus ancestrais. Assim, há uma grande ruptura entre estas duas narrativas.

LK – Aharon Appelfeld pode ser compreendido como um pioneiro nesta tendência à revalorização da experiência da diáspora. Qual é a importância de sua obra hoje?

YS – A importância da obra de Appelfeld é enorme. Eu escrevi dois livros sobre Appelfeld e escrevi também sobre Amós Oz. Recentemente, eu disse para Amós Oz que ele se tornou um novo Appelfeld. Quando você lê um livro como *De Amor e Trevas*, em que ele discute as histórias de seus pais e seus avós, que vieram do Leste europeu, vê-se claramente esta retomada da ligação com a herança da diáspora. A essência dos livros de Appelfeld é, ao meu ver, a questão da errância: os personagens de Appelfeld nunca chegam à Terra Prometida. Fico muito satisfeito em ver que Appelfeld tenha se tornado tão popular nos últimos anos – e isto significa que esta metanarrativa da errância e da diáspora voltou a ganhar importância.

LK – Nas últimas décadas, fala-se em uma “normalização” da sociedade israelense, cujas condições de vida estariam se aproximando das verificadas nas modernas sociedades do Ocidente. Em que medida esta é uma suposição verdadeira?

YS – Se pensarmos numa elite, em pessoas que leem livros e que frequentam as universidades, a maioria delas pensa que os modelos ideológicos já não fazem mais sentido na sociedade israelense. Mas, se pensarmos, por exemplo, nas pessoas que vivem nos territórios ocupados, veremos que não há nenhum questionamento da ideologia, que continua viva, funcional, hegemônica. No passado havia uma identificação da elite cultural com o Partido Trabalhista. Hoje, o Ministério da Educação é administrado pelo partido ultra-ortodoxo *Shas*. Hoje, há jovens que se recusam a servir no exército e os novos oficiais do exército provêm, em grande número, das fileiras do movimento sionista religioso. Esta visão de Israel como um país semelhante a qualquer outro está restrita a uma minoria.

LK – Há um crescimento cada vez maior do movimento religioso em Israel. Como esta tendência se manifesta na literatura?

YS – Há um movimento literário muito interessante ocorrendo no âmbito da população religiosa, de direita, em Israel. Há dez anos, eu teria dito que não há escritores de direita que sejam dignos de nota. Podia-se falar, no passado, de Uri Zvi Grinberg ou de Moshé Shamir – mas depois deles, mais ninguém. Hoje, há um grupo de poetas religiosos muito interessantes. Há algo acontecendo aí, que não pode ser ignorado. Mas ainda não há romancistas. Isto demora mais tempo para surgir...

LK – O interminável conflito com os árabes tornou-se um fator de cisão e de polarização da sociedade em Israel. Que papel tem a literatura neste conflito?

YS – Penso, ao contrário de muitos de meus amigos, que os escritores têm alguma real função em nosso tempo. Recentemente, foi publicada em Israel uma grande antologia de prosa árabe e israelense e acho que iniciativas deste tipo podem levar a um melhor entendimento entre as partes. Lembro-me de uma coisa que Amós Oz me contou sobre o escritor egípcio Nagib Mahfouz.

Mahfouz disse a ele que, se os israelenses tivessem lido a literatura egípcia publicada na década de 1970, não teriam sido pegos de surpresa pela ofensiva árabe na guerra do Yom Kipur...

LK – O tema do genocídio continua ocupando novas gerações de escritores, que não viveram diretamente esta catástrofe. Em que medida este tema esgotou-se e qual é o seu papel na formação da identidade judaica e israelense?

YS – Me parece que o genocídio se tornou um fenômeno histórico crucial para a formação da identidade israelense em nosso tempo, uma espécie de espelho e de ponto focal a partir do qual a história do país e de sua gente são compreendidos – mais do que a questão árabe, mais do que o sionismo. Hoje, a identidade israelense, assim como a identidade judaico-diaspórica, está totalmente voltada para o mundo ocidental, e a maior parte da população identifica-se com a Europa, com os Estados Unidos, não com o Oriente Médio. Talvez as pessoas gostem de comer a comida do Oriente Médio, e de ouvir a música do Oriente Médio, mas, em termos de identidade, nada... As pessoas andam como se estivessem em Budapeste, em Praga – e isto se verifica mesmo entre os israelenses que não têm ascendência europeia. Mesmo os filhos de imigrantes do Marrocos ou do Iêmen se afastaram totalmente de suas referências orientais, e não veem nenhuma continuidade entre suas origens em países muçulmanos e a população árabe de Israel.